

ELEIÇÕES NOS ESTADOS UNIDOS

Antônio Álvares da Silvas

Professor titular da Faculdade de Direito da UFMG

A eleição para presidente dos Estados Unidos é um procedimento complexo. Por isto, muitas o acusam de arcaico e superado. Alguns chegam mesmo a dizer que se trata de eleição indireta e, portanto, antidemocrática.

A realidade, entretanto, é outra. Apesar de multifásica, a eleição é um processo plenamente satisfatório. E a prova disto está no fato de que permanece assim por longos anos.

O primeiro passo é o aparecimento do político como candidato. Este primeiro passo é informal e depende das forças políticas partidárias. O partido não o indica, mas ele se apresenta como tal. Naturalmente, há contatos mas eles se limitam a tratativas informais.

O segundo passo é das prévias em cada Estado para que o candidato possa aspirar à indicação do partido. Todos estão lembrados da ferrenha disputa de Hilary Clinton e Barak Obama, que disputaram palmo a palmo a indicação.

Baseado no resultado, os Estados indicam os chamados "delegados", como representantes na futura convenção nacional.

Nesta convenção nacional, que se realiza após as prévias, os delegados confirmam os vencedores das prévias em cada Estado e então se indicam os dois candidatos a presidente. O procedimento é o mesmo para os dois partidos, já que o sistema é bipartidário.

Os nomes indicados se transformam oficialmente em candidatos e se submetem à vontade popular, num sistema eleitoral em que o voto não é obrigatório.

Segundo o resultado das eleições, cada Estado indica um número de representantes, que se calcula proporcionalmente à população.

Finalmente, ocorre a eleição final no colégio eleitoral e aquele que obtiver maioria entre os 538 representantes se elege presidente.

O que há no fundo é um sistema misto pois os representantes que elegem o presidente no colégio eleitoral votam de acordo com a vontade popular em seus respectivos Estados. A vontade popular fica assim resguardada e garantida.

A disputa nas prévias e depois a votação direta, permeada pela convenção nacional e pelo colégio eleitoral, permite uma ampla visibilidade dos candidatos, dando ao eleitor a oportunidade de conhecer os candidatos, suas virtudes, defeitos e tendências. Por isto terá condições de escolher com segurança e liberdade.

O bipartidarismo garante uma forte concentração cujas forças se popularizam entre dois candidatos, o que se dá no Brasil apenas no segundo turno. O jogo é pesado e o dinheiro de campanha, embora controlado, é alto.

As posições ideológicas tomam logo posição na preferência dos eleitores. Obama é jovem, traz o vento da mudança. Mc Cain é mais conservador e pretende manter os valores tradicionais da cultura americana, muito arraizados nos costumes locais.

O contraste logo se vê na posição dos dois candidatos. A popularidade de Bush é atualmente mínima, mas seu candidato cresce nas pesquisas. A razão é que, na hora de decidir, os americanos são refratários a mudanças. Preferem a encenação. Na hora de decidir, muitos preferem que tudo continue como está.

Será um belo exercício democrático o final desta campanha nos Estados Unidos. Qualquer que seja o resultado, ele representará legitimamente a vontade do povo. É isto que importa numa democracia.